

## EDITORIAL

Agnaldo Cuoco Portugal – Editor Responsável

Este é o segundo e último número da *Revista Brasileira de Filosofia da Religião* dedicado a trabalhos elaborados por participantes do XI Congresso da Associação Brasileira de Filosofia da Religião - ABFR, realizado em maio de 2024 em Sobral-CE, sobre o tema “Deus na Sociedade Pluralista”. Além deles, esta edição traz também três artigos de temática livre na área e uma tradução.

O primeiro artigo do dossiê do Congresso da ABFR trata da atividade religiosa em uma sociedade entendida como marcada pela estrutura econômica capitalista. Não há como negar que as relações econômicas são um traço central de nossa vida social e cultural, no Brasil e em (pelo menos) grande parte do mundo atual. Dada a sua complexidade, não é fácil identificar o que venha a ser o capitalismo, mas duas ideias centrais e frequentemente exploradas são a de redução de todos os objetos, pessoas e atividades à condição de mercadoria e a de concentração da vida na prática do consumo. O artigo de Adriano Sousa explora as consequências desses fatores na vida religiosa e reflete sobre como a religião pode ser uma forma de se contrapor a eles.

O artigo de André Vieitos muda o foco da filosofia social e política para a ética, mantendo-se ainda no âmbito da razão prática. O tópico que ele propõe é avaliar até que ponto a indiferença religiosa, entendida como um não se importar com a atividade religiosa (e assim, não ser nem um religioso nem alguém que milita contra a religião), implicaria consequências éticas reprováveis. A relação entre ética e religião, e o interessante problema da moralidade da indiferença são algumas das intrigantes questões que o texto levanta.

O segundo artigo do dossiê nos tira da filosofia prática e nos leva para a chamada filosofia teórica. Mais especificamente, Gabriel Costa investiga um aspecto do conceito de Deus de enorme tradição no debate metafísico ocidental: seu atributo de eternidade. Em que sentido Deus seria eterno? A tese predominante no debate filosófico é de que Deus não é eterno porque existe desde sempre e porque vai durar para sempre. Autores como Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino vão propor que isso faria Deus estar preso ao tempo, o que seria incompatível com sua suma perfeição. Por essa razão, a tese clássica é de que Deus é eterno porque está fora do tempo. O artigo defende, porém, uma compreensão de Deus como presente no tempo e a razão que ele apresenta é da dificuldade de se pensar em atividade causal (assumindo-se que Deus é criador e age no mundo) fora do tempo. Uma interessante exploração de vários aspectos da noção de causalidade é feita em seu argumento.

O quarto e último artigo do dossiê nos leva a mais uma outra área da Filosofia, tratando de uma questão histórica, mostrando a rica diversidade metodológica da filosofia da religião ao tratar de seu assunto. Victor Hugo Marques propõe discutir sobre um autor pouco conhecido no meio filosófico brasileiro, mas de importância fundamental em uma

das tradições cristãs mais importantes. Richard Hooker foi um pensador fundamental no início da reforma protestante na Inglaterra no século XVI e é uma referência básica naquilo que o Anglicanismo veio trazer de contribuição para o cristianismo. Além das informações históricas sobre esse autor e essa tradição religiosa pouco conhecidos, exatamente por essa novidade, o artigo permite pensar sobre a religião cristã de um modo alternativo também.

O artigo do pesquisador argentino Ángel Garrido-Maturano recorre à hermenêutica especulativa, uma outra abordagem importante em nossa área, ao tratar de dois conceitos do pensador medieval Meister Eckhart. Os conceitos são desprendimento e justiça, propondo o primeiro como condição existencial da segunda. O texto inicia com uma frase altamente provocadora de Eckhart para o mundo em que vivemos: “Nada mais faz a um homem ser um verdadeiro homem além da renúncia da vontade”. O significado dessa tese, a profundidade da reflexão e seus desdobramentos para questões religiosas, sociais e existenciais de hoje são um convite à leitura.

Em *The Public Rational Entitlement of Faith*, Henrique Santos e Gabriel Ferreira apresentam uma aplicação da pragmática inferencialista de Robert Brandom para o caso da religião na discussão política. Em outras palavras, o artigo se propõe a avaliar até que ponto a proposta de Brandom pode servir para a consideração de razões de tipo religioso no debate público em uma esfera pública democrática. Ao invés de serem excluídas de antemão, justificações desse tipo teriam lugar na discussão política, mas obedecendo a critérios racionais que não as desfigurem nem as excluem.

O artigo que fecha este número é também fruto de uma coautoria. Wellington Pires e Messias Correia, em *O Texto Bíblico nos Permite Filosofar?* nos levam a pensar sobre o papel da leitura da Bíblia na reflexão filosófica. Com a ajuda da abordagem hermenêutica de Paul Ricoeur, os autores investigam a possibilidade de o texto bíblico contribuir para a compreensão do mundo e a prática moral no contexto cultural e filosófico atual. Questões não apenas sobre exegese bíblica, metafísica e ética, mas também sobre filosofia da linguagem, aparecem no texto de forma instigante.

Por fim, a tradução de Vítor Grando para uma resenha crítica de Alvin Plantinga nos dá oportunidade de pensar junto com um dos mais importantes filósofos da religião contemporâneos. Grando nos traz um Plantinga mordaz, profundo, claro e bem articulado em sua crítica do livro *The First Coming: How the Kingdom of God Became Christianity* (1986), de Thomas Sheehan. O texto faz uma excelente análise dos pressupostos de uma teologia que se pretende objetiva e historiográfica, para além da “ingenuidade da crença do cristão”, mas que incorre em problemas epistemológicos e lógicos difíceis de contornar. Os interessados nas ideias de Plantinga e no debate sobre a teologia da morte de Deus encontrarão aqui um material de grande valor.

Temos, assim, mais um número da RBFR com contribuições para o conhecimento em Filosofia, revelando a diversidade e a profundidade de suas abordagens para essa atividade humana tão fascinante.

Agnaldo Cuoco Portugal é professor associado do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, onde leciona desde 1991. Foi presidente da Associação Brasileira de Filosofia da Religião (ABFR) entre 2010 e 2015

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](#).